

RUSSOS E AS GUERRAS CIVIS AMERICANA E NIGERIANA

Em 1976, cheguei a Gana pela primeira vez. Viria a estar em Lagos, capital da Nigéria, um par de anos depois. Era uma missão da FIERGS, Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, que eu havia organizado. Como resultado desta viagem, passei a me corresponder, também, com certo Mr. Ogundelê, e muitas cartas começaram a ir e vir. Às para Lagos tinham como endereço a *Yakubo Gowon Street*. E este nome, Yakubo Gowon, para mim, era apenas um nome de rua. Em outras viagens à Lagos, passei a ver o retrato de Yakubo Gowon – um militar sisudo, dependurada em todas as paredes de repartições. A imagem hoje se confunde na minha imaginação com a de outro, do país próximo, Gana, chamado Ignacius Kutu Acheampong – como o nigeriano, general e ditador.

Depois, descobri que Yakubo Gowon era mais do que um simples militar, que virara ditador e que comandava com mão de ferro a Nigéria. Fora o comandante-em-chefe das forças armadas de seu país na guerra civil, quando a etnia do íbos, ocupante da região sudoeste do país, lutava para se tornar independente, querendo formar o Estado soberano, Biafra. Yakubo Gowon, implacavelmente, ao fim de dois anos de sangrenta luta, de aniquilamento pela fome de milhares de íbos, manteve a unidade da Nigéria.

Anos depois, resolvi saber mais sobre Biafra e uma fonte importante era o jornalista inglês, que adiante se tornara romancista de renome mundial, Frederick Forsyth. Ele havia participado como *free-lance* da cobertura da Guerra de Biafra. Assumiu uma posição clara a favor do íbos e do coronel Odumegwu Ojukwo, oponente na guerra do então coronel Yakubo Gowon. Forsyth foi por muitos anos considerado pária na Nigéria, mas teve o reconhecimento de seu trabalho, quando, anos adiante, guerra finda, o comandante perdedor recebeu anistia e o direito de voltar para a pátria, Nigéria. O jornalista inglês recebeu o convite de, na viagem de volta de Ojukwo, o acompanhar, sinalizando o então presidente constitucional, Olusegun Obasanjô, o reconhecimento do trabalho intelectual de Forsyth.

Forsyth escreveu, ainda no calor da guerra perdida pelos íbos, o livro *The Biafra Story – The Making of an African Legend* (Uma história sobre Biafra – Construção de um Mito Africano, editado por Pen & Sword Military, 1969). Tentei comprá-lo na *Amazon.com*, mas se mantinha esgotado; nem os sebos que abastecem essa livraria possuíam o volume. Como a *Amazon.com* mantém um registro de fregueses interessados, quando reeditaram o livro, em

2007, recebi um aviso de sua disponibilidade. Comprei-o. Como uma leitura dessa natureza puxa outras leituras e pesquisas se fazem, encontrei muita informação agora consolidada sobre a Guerra de Biafra. Dentre elas, um documentário cinematográfico que está disponível no *You-Tube*, e uma entrevista, que concedeu Yakubo Gowon, o então quase vencedor. Nessa entrevista, numa pequena nota de rodapé, surgiu outro assunto muito curioso, pelo menos para mim e para muitos que acompanharam os tempos de Guerra Fria e de Macarthismo. Diz o rodapé:

Lincoln, por meio de Bayard Taylor¹, secretário de embaixada, junto a São Petersburgo, Rússia, pediu apoio para a União, caso ou a Inglaterra ou a França intervissem, na Guerra Civil Americana, em favor do Sul. A Rússia chegou a enviar vasos de guerra para águas americanas, em claro apoio ao pedido do governo central.

Na entrevista concedida ao correspondente Charles Eisendrath, da revista *Time*, Yakubo Gowon usa esse fato histórico, na sua defesa. A matéria, que oferece a visão desse general sobre a Guerra de Biafra, é a seguinte:

O escritório climatizado do líder nigeriano, major-general Yakubu Gowon, situa-se no segundo andar de um complexo residencial, no bairro Obalendê, em Lagos. Um exemplar bastante manuseado de *Abrahão Lincoln – Anos de Guerra*, do escritor e poeta Carl Sandburg, jaz em meio a equipamentos de rádio e seis telefones.

Devoto metodista num país grandemente muçulmano e animista, filho de uma inexpressiva etnia, numa federação de nações gigantes, inquestionavelmente, Gowon se sentia tal qual Lincoln no papel de unificador das divisões pátrias. A seguir os tópicos abordados e as respostas do general para o correspondente do TIME, Charles Eisendrath, em recente entrevista (4 de julho de 1969).

O fim da guerra

Eu espero que ela venha a terminar em um ano². Caso isto não ocorra, posso assegurar-lhe que este país manterá esta guerra até que haja sido solucionada a questão secessão.

Razões para lutar

Esta é uma guerra com um diferencial. Não consideramos os íbos como nossos inimigos, são nossos irmãos. No que me concerne, estou lutando esta guerra para manter o país um só e unido. Assim, não posso me permitir ser mole, na forma como busco aquele objetivo. Tenho de pensar na futura reconstrução, na reconciliação, em convivência fraternal, se desejamos ao fim ter um país feliz. Seria algo fácil dizer: “Tudo bem, os chamaremos de inimigos e lutaremos contra eles como inimigos”. Então, honestamente, iria permanecer entre nós, por um bom tempo, o fato de que eles realmente eram inimigos.

Biafra do General Ojukwo

Enquanto não consideramos os íbos como nossos inimigos, somos todavia inimigos do mal. Qualquer um que seja a personificação do mal, claro, será um inimigo. Esse homem [Ojukwo], numa luta total contra a Nigéria, é um Hitler e se valerá de qualquer coisa que tenha ao seu alcance. Não se importa em matar, eliminar, destruir tudo visando conseguir seu intento

¹ Era titular da embaixada, todavia, Cassius Clay (1810-1903).

² A guerra terminou em 10 de janeiro de 1970.

Controle dos espaços aéreos

Sinceramente, não há nada de excepcional em havermos derrubado um avião da Cruz Vermelha. Desde o início, alertamos a todos que, quem percorresse nosso espaço aéreo o estaria fazendo por conta própria e a seu risco. Infelizmente, pelas limitações de nossa força aérea, não nos encontrávamos em posição de bloquear todo nosso território. Foi o Conselho Unido de Auxílio das Igrejas que disse: "Não nos importa o que vocês dizem. Não iremos obedecer a suas ordens quanto a restrições ao espaço aéreo". Disseram-nos que, se nos atrevêssemos derrubar um de seus aviões, a opinião mundial se voltaria contra nós. Agora eles vêem que não estávamos blefando, e desejo que tenha se constituído também numa lição para qualquer feroz mercenário.

Vôos de auxílio

Deus sabe, nós faremos tudo o que for necessário para não colocar em risco aviões de ajuda. Mas isto não significa a realização de vôos diurnos ou noturnos, sem a devida permissão. A Nigéria ofereceu horários diurnos para esses vôos, mas ninguém se mostrou interessado. Agora, qualquer iniciativa que tomem, o fazem assumindo o risco.

Auxílio dos Soviéticos

Quanto à União Soviética, posso lhe assegurar, foi apenas uma manobra para lidar com o desafio de Ojukwo. Num certo momento, Ojukwo iniciou a guerra nos céus. Mesmo Abraão Lincoln apelou à Rússia a fim de vencer sua Guerra Civil.

O Ocidente

Nossos amigos fecharam suas portas para a Nigéria e as abrirão para Ojukwo, mesmo considerando que oferecemos pagamento em dinheiro pelo auxílio e ele não possuía sequer um sistema econômico. Onde está a moral no mundo? Nós abolimos a palavra ódio. Revogamos a palavra vitória. Suprimimos a palavra inimigo. O que recebemos de troco é veneno.

Governo civil

Tenho dado minha palavra que entregarei o governo aos civis, mas não o farei em meio ao caos. Passarei a um governo democrático quando tiver certeza de que qualquer um possa mover-se em liberdade, e que independentemente de sua origem étnica, cor ou religião, consiga exprimir sua opinião, sem ser intimidado.

DA OBSERVAÇÃO DE GOWON

O cume da colaboração humanista entre os Estados Unidos e a Rússia³ foi durante o governo de Abraão Lincoln, quando uma aliança de Guerra entre esses dois países foi negociada sob o patrocínio do titular da embaixada americana, Cassius Clay (1861-1862 e 1863-1869). Este um capítulo da história norte-americana que é ignorada pela atualidade daquele país. Foi o poderio naval russo que se constitui num contrapeso, prevenindo uma intervenção da França e da Inglaterra, favorecendo o exército do Sul e desequilibrando a Guerra contra o Norte.

Os Estados Unidos e a Rússia compartilhavam o conceito de transformar aquele pacto de Guerra numa aliança permanente, visando levar a Rússia a ser uma nação, com cerca de 100 mil habitantes, num progressivo desenvolvimento tecnológico, combinando-se com os já industrializados Estados Unidos, também, então, com cerca de 100 milhões de habitantes. Essa combinação era vista como um eixo imbatível na implementação de um global "Grande Plano": um conjunto de nações soberanas comprometidas com o desenvolvimento econômico e tecnológico, "o sistema Americano" de economia política, contra o Império Britânico de "livre comércio" de manter o mundo colonial em perpétuo retrocesso e miséria.

³ Escrito por Konstantin George, em *Executive Intelligence Review*, 1978.

O embaixador Clay considerava como sua missão forjar tal aliança entre os Estados Unidos, Rússia e México, do presidente Benito Juárez, a fim de espalhar o republicanismo por todo o mundo.

O Auxílio russo não se materializou sob a forma de intervenção no conflito norte-americano, no século 19. Já em Biafra, detalhe do livro de Forsyth⁴ informa:

O ENVOLVIMENTO RUSSO

A partir de dezembro de 1968, o constante aumento da presença soviética na Nigéria tornou-se algo de interesse crescente entre os observadores externos. Embora que os primeiros carregamentos dos aviões caças MiG e dos bombardeiros Ilyushin russos hajam aportado no norte da Nigéria em fins de agosto de 1967 – outros embarques, acompanhados por cerca de 200 a 300 técnicos, continuaram a chegar ao longo de quinze meses, a fim de repor perdas – foi somente após a assinatura de um tratado soviético-nigeriano, em novembro de 1968, que as portas se escancararam para a infiltração russa.

O pacto já causara desassossego na diplomacia ocidental, mesmo quando era discutido pelos dois lados. Os britânicos fizeram três tentativas em dissuadir os nigerianos de assinar o acordo. Cada tentativa conseguiu apenas procrastinar o pacto, porém ele foi assinado em 21 de novembro, na presença de inusitada de poderosa delegação soviética.

Nas semanas seguintes, a presença russa se tornou cada vez mais notória, para desgosto não apenas dos britânicos e norte-americanos, mas também para muitos moderados nigerianos.

⁴ In *The Biafra Story – The Making of an African Legend*, ed. 2007, pg. 186.